

## 2

### **A atitude pluralista e o humanismo em Feyerabend enquanto fios condutores para a ruptura com o racionalismo crítico**

Pretendemos, neste capítulo, discutir princípios característicos da epistemologia de Paul Feyerabend, utilizando como principal referência John Preston (1997), o qual apresenta uma análise crítica de toda a sua obra e não apenas das posições epistemológicas anarquistas pelas quais Feyerabend tornou-se mais conhecido, tanto no meio filosófico quanto fora dele.

Nessa análise, identificam-se duas grandes fases da obra feyerabendiana: a primeira das décadas de '50 a '70 e a segunda de '70 a '90, as quais delineamos no item 2.1 a seguir. A partir desse apanhado inicial, trataremos no item 2.2 dos argumentos compatíveis com o racionalismo crítico utilizados por Feyerabend para a defesa de uma atitude pluralista e de uma ética humanista - já presentes na sua primeira fase - e cujo acirramento levou ao anarquismo epistemológico dadaísta na segunda fase. Embora haja uma evidente ruptura entre as duas fases na posição epistêmica e metodológica, ruptura essa refletida na natureza das teses propostas por Feyerabend, acreditamos que a identificação dos aspectos comuns às duas fases favorece um entendimento mais aprofundado da proposta epistemológica feyerabendiana na fase anarquista.

A ênfase na presença de elementos comuns às duas fases, tem como objetivo uma tentativa de explicitação do processo pelo qual a inspiração pluralista da argumentação contrária ao positivismo na epistemologia feyerabendiana transformou-se num relativismo extremo, batizado como “anarquismo” pelo próprio autor.

## 2.1

### Uma trajetória pelas fases da epistemologia feyerabendiana

Ao iniciarmos, deixamos claro que nosso entendimento das fases acima referidas não assume a existência de fronteiras precisas que determinem o final e o início de cada fase no tocante às idéias de Paul Feyerabend em cada uma delas, conforme afirmação do próprio autor da principal referência desta análise (Preston, 1997: p. 7). A transformação do Feyerabend racionalista crítico no Feyerabend anarquista epistêmico consistiu, como vemos em sua produção escrita, de um processo gradual cujo início não caberia identificar pontualmente. Contudo, devido ao impacto de determinadas posições epistemológicas defendidas pela primeira vez em artigos e livros específicos, e que serão discutidas a seguir, pode-se estabelecer o limite entre as duas fases de maneira aproximada. Passamos então a um breve relato histórico de alguns fatos biográficos que marcaram essa passagem de fases na epistemologia de Paul Feyerabend.

Após o final da II Guerra, em 1947, Feyerabend volta a Viena com intenção de estudar Sociologia, porém, transfere-se para o curso de Física, ingressando também na Sociedade Universitária Austríaca. Numa das reuniões da Sociedade em Alpbach, veio a conhecer Karl Popper em 1948, o qual o apresentou a “Bertalanffy, Karl Rahner, von Hayek e outros dignatários” (Feyerabend, 1994: p. 80). No ano seguinte, passa a ocupar a liderança do Círculo Kraft – formado por alunos de filosofia para discussão da existência de um mundo exterior - organizado em torno de Victor Kraft, ex-integrante do Círculo de Viena, onde tal questão foi considerada metafísica e, portanto, sem sentido. Em 1951, Feyerabend recebe o título de doutor, orientado por Kraft, com uma tese sobre sentenças protocolares. Após o término do curso, iria tornar-se aluno bolsista de Wittgenstein em Cambridge. Entretanto, dado o falecimento de Wittgenstein, Feyerabend assumiu a condição de aluno bolsista junto a Popper em Londres.

Em 1953, de volta a Viena, traduziu *A sociedade aberta e seus inimigos* de Karl Popper para o alemão, fez um resumo das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, estudou e publicou artigos sobre mecânica quântica, tendo conhecido e sido influenciado pelas idéias do físico quântico David Bohm e também por Herbert Feigl, o qual acreditava “na possibilidade de se superar sistemas altamente formalizados com a ajuda de um pouco de bom senso.” (Preston, 1997: p.4, minha tradução). Nessa época, seus artigos apresentavam críticas ao positivismo - especialmente no que se refere ao conhecimento progredir indutivamente a partir de generalizações de sentenças protocolares - e em favor de um realismo científico alinhado com o falsificacionismo de Karl Popper.

Com a visão epistemológica racionalista crítica, Feyerabend se empenha na construção de um “modelo abstrato para aquisição de conhecimento”, sendo este conhecimento aquele contido nas “proposições científicas”, uma vez que estas constituem um “excelente exemplo de conhecimento de fato” (Feyerabend, 1965a: p. 217 *in* Preston, 1997: p. 13). Feyerabend privilegia, então, o conhecimento científico sobre os demais, em pleno acordo com Popper.

[...] o conhecimento científico pode ser mais facilmente estudado do que o conhecimento de senso comum, por ser o conhecimento de senso comum posto de maneira inequívoca. Seus próprios problemas são uma expansão dos problemas do conhecimento de senso comum.

(Popper, 1968: p. 22, minha tradução)

Coerente com essa posição epistêmica sobre o conhecimento e com o falsificacionismo enquanto método, Feyerabend sai em busca de um modelo abstrato - único e racional - para construção do conhecimento [científico]. Nesse esforço, desenvolve uma metodologia pluralista a partir de uma expansão do conceito de “experimento crucial”, o dispositivo metodológico falsificacionista para teste e eventual refutação de uma teoria. Segundo a metodologia pluralista, a proliferação de teorias rivais – mesmo que sejam incompatíveis entre si e/ou com teorias bem corroboradas até o momento - torna o experimento crucial metodologicamente mais eficiente porque favorece a comparação entre teorias rivais além de oferecer subsídios para o desenvolvimento de novas teorias. (Preston, 1997: p. 137). Na base da

metodologia pluralista está o pluralismo teórico<sup>1</sup> que resulta do Princípio de Proliferação, como se pode ver pela formulação geral desse Princípio, apresentada abaixo. Esta formulação geral resultou de uma compilação feita por Preston de diversas referências ao Princípio de Proliferação, encontradas em publicações de Feyerabend, e reflete a forte tendência ao pluralismo teórico bastante presente nessa primeira fase da epistemologia feyerabendiana:

Invente, e elabore, teorias que são inconsistentes com o ponto de vista aceito, mesmo que esse último esteja altamente confirmado e aceito de maneira generalizada.

(Preston, 1997: p. 138, minha tradução)

Ao final da década de '50, Feyerabend assume uma posição na Universidade de Berkeley, naturalizando-se cidadão americano. A partir daí e por toda a década de '60, aparecem os primeiros prenúncios de sua segunda fase, uma vez que seus artigos e inúmeras palestras numa grande variedade de universidades começam a apresentar uma tendência de afastamento em relação aos ideais falsificacionistas e, em especial, ao que Feyerabend considera como cerne do racionalismo: a existência e a busca por um padrão único de racionalidade científica. (Preston, 1997: p.4). Além disso, Feyerabend foi gradualmente influenciado pela abordagem histórica da ciência proposta por Thomas Kuhn - seu colega de departamento em Berkeley no início da década de '60, de quem tornou-se fervoroso crítico posteriormente<sup>2</sup>. Além de voltar-se contra o racionalismo, a partir do início da década de '70, percebe-se o seu “desencantamento” pelos tradicionais ideais epistêmicos – em especial a Verdade - e, posteriormente, a Razão, a Honestidade e a Justiça, que passam a ser grafados com as iniciais em letras maiúsculas, o que foi interpretado por muitos como um “sinal de desdém e deboche” (Preston, 1997:p. 192) .

---

<sup>1</sup> Note-se que o *pluralismo teórico* (recomendação para a elaboração e teste de várias teorias) não deve ser confundido com o *pluralismo metodológico* (recomendação para o uso de diversas alternativas metodológicas), o qual só foi defendido por Feyerabend como parte integrante do *anarquismo epistemológico*, a partir da publicação de “Contra o Método” em forma de artigo em 1970, marcando o início da segunda fase de sua epistemologia. Maiores detalhes sobre essa distinção serão discutidos no Capítulo II.

<sup>2</sup> Para um exemplo dessa crítica ver FEYERABEND, P. K., *Consolations for the specialist*, in *Criticism and the Growth of knowledge*, Lakatos, I and Musgrave, A (eds), Cambridge, Cambridge University Press, 1970

Assim revela-se o processo de passagem da primeira para a segunda fase da epistemologia feyerabendiana, caracterizando-se essa passagem pelo abandono da concepção de um método racional único como viabilizador de conhecimento legítimo, a crítica à ciência como forma privilegiada de conhecimento sobre as demais e, um estilo cada vez mais agressivo na sua argumentação.

Não obstante, o que também parece conduzir Feyerabend para sua segunda fase são os desdobramentos da atitude pluralista e da ética humanista, somadas a influências do movimento da contra-cultura e da revolução estudantil ao longo da década de '60. Em sua autobiografia, Feyerabend cita essa influência e descreve alguns episódios representativos dessa época, bem como os resultados, que ele considera benéficos, daquele movimento estudantil:

Os estudantes que participavam do Movimento de Liberdade de Expressão queriam mudar radicalmente aquele estado de coisas. Eles queriam transformar a universidade de uma fábrica de conhecimento (como a definira Clark Kerr, o presidente) em uma comunidade e um instrumento para o aprimoramento social. Suas ações afetavam até os mais tímidos, que se inflamavam, começavam a falar e tornava-se claro que todos tinham idéias interessantes que valiam a pena. Foi uma grande conquista quando a faculdade apoiou a posição dos líderes estudantis e forçou a administração a recuar. O movimento aparentemente alcançara seus objetivos.

(Feyerabend, 1996: p. 132)

A tendência à liberalização de critérios, sejam eles epistemológicos, acadêmicos ou sociais, passa a exercer cada vez mais influência sobre Feyerabend e suas idéias sobre o conhecimento passam a não mais caber num contexto falsificacionista e racionalista crítico; a ruptura com essa epistemologia torna-se, então, iminente, gerando espaço para o surgimento do anarquismo epistemológico.

No item a seguir, abordaremos esse caminho pelas fases da epistemologia feyerabendiana a partir das teses e idéias defendidas pelo epistemólogo na sua primeira fase, indicando os possíveis desdobramentos dessas teses no processo de transformação e ruptura para sua segunda fase.

## 2.2

### **Argumentos racionalistas críticos em defesa do pluralismo teórico e da base ética humanista para a epistemologia**

Com o objetivo de tornar essa exposição o mais clara possível, optamos por dividir o texto em itens, embora os argumentos que compõem cada item estejam relacionados entre si.

#### 2.2.1

##### **Crítica ao indutivismo positivista e o Princípio de Proliferação Teórica**

Na crítica feyerabendiana ao indutivismo positivista, ao invés de se enfatizar os aspectos da estrutura lógica da indução - o fato de não ser logicamente válida a generalização do particular para o geral – ou, ainda, os problemas referentes à matematização probabilística dessa generalização, Feyerabend utiliza uma outra linha de argumento, focada na aplicação prática do raciocínio indutivo em procedimentos de teste de teorias. Segundo ele, na prática, a “indução” não parte das instâncias particulares para a generalização. Ao contrário, admite-se a generalização como verdadeira e parte-se em busca de argumentos para dar suporte à crença na propriedade (verdade) da generalização. Dessa forma, a busca pela justificação da inferência indutiva resulta numa restrição das conclusões (tiradas a partir dos testes) a serem levadas em consideração, negligenciando aquelas teorias alternativas que estejam em desacordo com a generalização previamente aceita. (Feyerabend 1964b *in* Preston, 1997: p.19).

Para Feyerabend, esse procedimento “indutivo” parte de e leva a dois equívocos. O primeiro: a atitude de adotar a crença de que uma única generalização (teoria) pode explicar todos os fatos, seguida da realização de testes na tentativa de

comprovar empiricamente essa generalização, previamente assumida. O segundo: a condução de testes adotando o que ele chamou de “modelo de teste ortodoxo”, onde apenas uma generalização (teoria) é utilizada para a interpretação dos fatos. Dessa forma, a indução torna-se perniciosa pelo que ela assume – a generalização única, um monismo teórico – e pelo que ela gera – um procedimento restritivo sob a forma de um “modelo ortodoxo de teste”. Vejamos em detalhe por quê.

Para tanto, lembremo-nos que, nesse momento, Feyerabend ainda é falsificacionista e, portanto, assume a falibilidade das teorias bem como a realização de testes, ou experimentos cruciais, visando a sua refutação. O valor de uma teoria (falível) está no seu conteúdo empírico (ou informativo), o qual consiste do conjunto de proposições que potencialmente a refutariam. Este é o rigoroso critério de demarcação que, além de separar a ciência de outras formas de conhecimento – e da metafísica - também define a honestidade do cientista, o qual somente propõe teorias passíveis de refutação.<sup>3</sup> Nesse contexto epistemológico e metodológico, o prejuízo potencial do monismo teórico está no fato que, quando uma teoria é considerada única em dado contexto, ela acaba por orientar nossa capacidade cognitiva, tornando-se uma teoria virtualmente não refutável, assumindo o status “mítico” de uma teoria hegemônica. Pior do que isso, sob determinadas condições, tal situação poderia levar à estagnação da ciência, uma vez que, enquanto conhecimento falível, esta necessita de uma atitude crítica constante para que possa progredir.

[A] influência sobre nosso pensamento de uma teoria científica abrangente ou de qualquer outro ponto de vista geral, tem profundidade bem maior do que admitem aqueles que a consideram um esquema conveniente apenas para a ordenação dos fatos. [T]eorias científicas são formas de olhar o mundo, e sua adoção afeta nossas crenças e expectativas e, portanto, nossas experiências e concepções da realidade.

(Feyerabend, 1962a *in* Preston, 1997: p.75, minha tradução)

---

<sup>3</sup> A honestidade científica constitui um outro cânone epistêmico falsificacionista que Feyerabend virá a recusar na sua epistemologia posterior, argumentando que o cientista é muito mais um “oportunista do que um fiel seguidor de regras metodológicas. (Preston, 1997: p. 172 e Feyerabend, 1975, p: 179). O sentido da palavra “oportunista” aqui se opõe ao sentido de “fiel cumpridor de regras metodológicas”, sem possuir outras eventuais implicações morais associadas à palavra “oportunista”. Sobre esta questão, veja também pp. 22 – 23 e 27 do Capítulo 3.

Assim, o pluralismo teórico se faz necessário como um elemento que amplia as possibilidades da atitude crítica na ciência e promove, na prática, condições adicionais para o eventual falseamento das teorias científicas sob teste. Em suma, o pluralismo teórico reforça e enriquece o exercício da aplicação do Princípio da Falseabilidade. Trata-se aqui de uma justificação racionalista crítica para a diversidade teórica a qual, em última instância, possibilita também a diversidade nas formas de ver o mundo. Esta defesa será marcante na epistemologia anarquista, contudo, utilizando outros argumentos para a sua sustentação como veremos no próximo Capítulo.

Vejamos, agora, por que o monismo teórico também é indesejável no tocante à condução de testes ou experimentos cruciais. Segundo Feyerabend, a testabilidade de uma teoria – o seu conteúdo empírico – depende não apenas da relação entre a negação de suas conseqüências com fatos observáveis, mas também com o estado de desenvolvimento de teorias rivais no mesmo domínio. Assim, para maximizar o conteúdo empírico de uma dada teoria, além de ela dever possuir uma certa classe de instâncias falseadoras, também é necessário o desenvolvimento de teorias alternativas no mesmo domínio. Como se vê, esse argumento pressupõe a desejabilidade de maximização de conteúdo empírico sob a forma de maximização de potenciais instâncias falseadoras de uma dada teoria – critério tipicamente falsificacionista. A defesa de teorias alternativas para essa finalidade se dá através de um argumento negativo. Feyerabend argumenta que, ao não serem consideradas teorias alternativas, somente os fatos interpretados pela (única) teoria sob teste são colhidos como observações. Não obstante, caso outras teorias estivessem desenvolvidas e também fossem consideradas no teste, os fatos que estas interpretam também seriam levados em conta no teste, maximizando o seu poder de refutação e, simultaneamente, as instâncias falseadoras da teoria e seu conteúdo empírico, através de uma refutação indireta.

Embora nossa exposição não vise primordialmente verificar a validade dos argumentos feyerabendianos e sim os indícios de projeção de elementos de seu pensamento do período falsificacionista na sua epistemologia anarquista, aqui cabe um breve comentário sobre esse argumento. Para exemplificar um procedimento

pluralista de teste – em oposição ao modelo ortodoxo – Feyerabend cita o caso do movimento browniano (Preston, 1997: pp.126 – 130), em que a teoria principal sob teste era a teoria fenomenológica do calor (TFC) e a teoria alternativa no mesmo domínio era o que viria a ser a futura teoria de movimento molecular (TMM). Quando num experimento foi observado um fato inexplicável (não interpretável) pela TFC e sim pela TMM, Feyerabend sugere que houve uma refutação indireta de TFC a partir de uma corroboração de TMM, uma vez que as teorias são incompatíveis. Além disso, ele afirma que uma refutação ortodoxa da TFC não seria possível (pelo menos não *nesse teste* conduzido de forma ortodoxa) pois, o fato que levou à refutação indireta não teria sido sequer percebido (interpretado) caso a teoria alternativa (TMM) não estivesse sendo considerada durante o teste.

Contudo, há controvérsias quanto a esse conceito de “refutação indireta”, uma vez que, por definição, o conteúdo empírico de uma teoria refere-se à classe das *suas próprias* conseqüências empíricas, e não à classe de conseqüências empíricas de teorias incompatíveis com esta primeira.<sup>4</sup> Assim sendo, uma teoria é refutada pela observação da negação de qualquer proposição que pertença à classe de suas próprias conseqüências empíricas e não pela observação de uma proposição que pertença à classe de conseqüências empíricas de uma outra teoria. Não nos aprofundaremos aqui nesta questão porque esta discussão foge ao objetivo da nossa pesquisa, entretanto, julgamos interessante apontar para um possível contra-argumento à tese feyerabendiana em defesa do pluralismo teórico.

Dessa forma, pretendemos enfatizar que Feyerabend argumenta a favor do pluralismo teórico com finalidades metodológicas no tocante à condução de testes, utilizando-se de pressupostos falsificacionistas. Esse pluralismo consiste na utilização de teorias alternativas e explicativas relativas a um mesmo domínio, ainda que tais alternativas ainda não possuam nenhuma comprovação empírica.

Embora o pluralismo teórico (primeira fase) seja distinto do pluralismo metodológico (segunda fase), onde a recomendação é o uso de qualquer método ou de nenhum método conforme as circunstâncias, há um mesmo Princípio de Proliferação

invocado por Feyerabend em ambos os casos, qual seja: o de considerar o eventual uso de alternativas. Aplicando-se este princípio, o pluralismo metodológico pode ser visto como uma *projeção* da atitude pluralista do nível teórico para o nível da metodologia. No entanto, a realização de uma tal projeção exige uma transformação radical – ou uma ruptura – ao nível epistemológico. Isto porque, embora o racionalismo crítico seja compatível com uma atitude pluralista em relação a teorias – que nada mais são do que conjecturas – tal liberalidade não é aceitável ao nível metodológico, o qual está restrito pelos ideais de um método único orientado para a busca objetiva e racional pela verdade. Para acomodar o pluralismo metodológico epistemicamente, torna-se necessária uma outra epistemologia, que na segunda fase aparece como a epistemologia anarquista.

Não nos cabe afirmar que a projeção acima descrita de fato ocorreu e, caso tenha ocorrido, que tenha adotado precisamente esta forma no pensamento feyerabendiano. A “subordinação” da metodologia frente à epistemologia pode muito bem ser uma exigência de eventual justificação e não de descoberta, criação ou intuição de uma metodologia nova. Contudo, não se pode negar que a epistemologia anarquista é compatível com o pluralismo metodológico enquanto o racionalismo crítico não o é. Além disso, Feyerabend só passou a advogar o pluralismo metodológico dentro do contexto epistemológico anarquista. Portanto, parece razoável cogitar que a atitude pluralista presente no racionalismo crítico ao nível teórico pode ser entendida como uma projeção ao nível metodológico no anarquismo relativista, evidenciando uma espécie de continuidade – e também uma ruptura – entre as duas fases da epistemologia feyerabendiana.

Prosseguimos, então, com a exposição de teses de primeira fase racionalista crítica do pensamento de Paul Feyerabend apresentando os possíveis caminhos que tais teses percorreram na formação da segunda fase anarquista.

---

<sup>4</sup> Para um detalhamento dessa questão, ver: Laudan, Larry, *For method, Or against Feyerabend*, in *An Intimate Relation*, R. Brown & J. Mittelstrass (eds), Dordrecht, Kluwer, (1989) e Preston (1997, p. 132-136)

## 2.2.2

### A normatividade e a base ética da epistemologia

Conforme mencionamos acima (p. 18), Feyerabend marca a primeira fase de sua carreira na filosofia em busca de um “modelo racional para aquisição do conhecimento”, supondo que, para tanto, poderia-se ater apenas à aquisição do conhecimento científico. Subjacente a este objetivo e às formas pelas quais pretende atingi-lo, encontramos sua forte identificação com a epistemologia popperiana. (Preston, 1997: p. 11) Além de ambos considerarem válido estudar o conhecimento – suas condições de possibilidade, maneiras de alcançá-lo, formas de fazê-lo progredir – via conhecimento científico, concordavam também quanto à maneira como se deve fazer epistemologia. Esta deve tratar do conhecimento “sem sujeito conhecedor” apresentado por Popper em seu *Conhecimento Objetivo* (Popper, 1972a), em oposição à abordagem tradicional dos empiristas ingleses, Kant, Mill, Russel e Husserl, que partem do sujeito conhecedor e buscam qual seria a sua relação cognitiva com o mundo exterior. A epistemologia partilhada, na época, por Popper e Feyerabend, voltava-se para os *produtos* do conhecimento, as afirmações científicas, leis e asserções que resultam da atividade cognitiva.

Além da influência popperiana no tocante à natureza normativa da epistemologia, Feyerabend também partilha essa concepção com seu ex-professor, Victor Kraft, para quem:

A teoria do conhecimento deve ser algo muito diferente das ciências factuais; ela não lida com algo que exista na realidade, porém, estabelece objetivos e normas para nossa atividade intelectual.

(Kraft, 1960: p.32 in Preston, 1997:p.14, minha tradução)

Embora Feyerabend tenha vindo a suprimir em edições posteriores aquelas passagens de suas publicações onde está explícito seu compromisso com essa visão normativa da epistemologia, ela esteve presente nas versões originais de seus artigos até 1968. (Preston, 1997: p. 213, n.10). Contudo, o ponto sobre o qual desejamos

chamar atenção é que a concepção normativa ao nível epistemológico corresponde, ao nível do conhecimento (científico) e da metodologia, a uma concepção convencionalista. Com isso, os “fatos” científicos (teorias) e os “fatos” metodológicos (regras) poderão ser vistos de formas diferentes em função dos ideais epistemológicos *prescritos* para tal exame. Em outras palavras, o que é e como deve ser atingido o conhecimento passam a ser questões de norma e não de fato<sup>5</sup>. Resta então determinar quais os critérios para a adoção de determinados ideais epistêmicos em detrimento de outros. A resposta para essa questão, segundo Feyerabend, deve ser ética, com base nas *conseqüências* das decisões metodológicas que esses ideais epistemológicos venham a implicar. A fundamentação ética da epistemologia feyerabendiana fica bem clara na seguinte passagem:

O seguinte problema fundamental: qual atitude *deveremos* adotar e qual tipo de vida iremos levar... é o mais fundamental de todos os problemas da epistemologia.[...] (a) epistemologia, ou a estrutura de conhecimento que aceitarmos, repousa sobre uma decisão ética.

(Feyerabend, 1961a: pp. 55-56 in Preston, 1997: p.21, tradução e *grifos* meus)

Entretanto, resta saber quais critérios deverão pautar a desejabilidade ética das conseqüências das decisões metodológicas. Referindo-se às regras que pautam tais decisões, Feyerabend recomenda:

...Reunir tais regras, eliminar delas qualquer traço remanescente de dogmatismo e cegueira ideológica, seria um ponto de partida para um tipo de conhecimento que é aberto ao progresso e, portanto, *humanizado*.

(Feyerabend, 1965a: p. 217 in Preston, 1997: p. 21)

Mas o que quer dizer “conhecimento aberto ao progresso e humanizado” para Feyerabend em 1965? No trecho acima, o epistemólogo faz uma associação direta entre tal conhecimento e aquele livre de “dogmatismo e cegueira ideológica”. Vimos acima (pp. 21 – 25), na argumentação pela pluralidade teórica, um forte elemento

---

<sup>5</sup> Esta posição cria um forte impasse com o realismo científico que Feyerabend também defende nessa época. Para uma crítica a essa inconsistência da epistemologia feyerabendiana ver: Preston, 1997: p. 22)

contra a hegemonia teórica, especialmente no tocante às potenciais limitações que tal hegemonia poderia impor tanto sobre a habilidade crítica quanto sobre a percepção da realidade pela cognição humana. Não parece absurdo cogitar então que, o conhecimento – no contexto de uma epistemologia normativa - será tanto mais aberto ao progresso e humanizado, quanto mais estiver livre da possibilidade de dogmatismo, enquanto consequência potencial da hegemonia teórica.

Outro aspecto que talvez esclareça o que Feyerabend entende por um conhecimento aberto ao progresso e humanizado está no seguinte trecho:

O fato que praticamente qualquer doutrina filosófica pode encontrar sua realização tanto numa *cosmologia...* e/ou numa *teoria do homem...* torna muito claro que o procedimento que leva à adoção de uma posição filosófica não pode ser *a prova ...* mas precisa ser uma decisão com base em preferências.... Filósofos têm habitualmente julgado a situação de modo bem diferente. Para eles, somente *uma* dentre as diversas posições existentes era verdadeira e, portanto, possível. Essa atitude, naturalmente, restringe consideravelmente as possibilidades de escolha responsável... [O] problema da escolha responsável permeia até mesmo as questões mais abstratas da filosofia e... a ética é, portanto, a base de todo o resto.

(Feyerabend, 1965a: p. 219, n.5 in Preston 1996, p: 21, minha tradução)

Ao criticar a atitude de aceitar (como verdadeira) somente *uma* posição filosófica, novamente aparece a rejeição à hegemonia, desta feita como elemento restritivo das possibilidades de uma “escolha responsável”. Há uma mudança de foco nesse argumento se comparado com aquele que advoga a pluralidade teórica. Naquele, a pluralidade teórica é posta como condição para o avanço do conhecimento científico. Neste, a pluralidade de posições filosóficas favorece a escolha responsável. Hegemonias, cada uma em seu âmbito, são apontadas como elementos limitadores, sempre incompatíveis com a idéia de progresso e humanização.

Tal associação parece refletir a forte influência que o humanismo liberal de John Stuart Mill exerce sobre Feyerabend. Embora nos limites desta pesquisa a primeira citação de Feyerabend a Mill ocorra já em sua segunda fase (Feyerabend, 1975), os trechos que acabamos de comentar são de sua fase anterior.

O que nos parece é que, na região fronteira entre as fases do pensamento feyerabendiano, os fundamentos da epistemologia normativa e da metodologia falsificacionista usados contra a hegemonia (seja ela teórica ou de posição filosófica) começam gradualmente a ser acompanhados de argumentos que apelam a valores humanistas. E esse humanismo liberal é fundamentalmente marcado pela oposição ao

ponto de vista absoluto, que transforma-se num dogma, e pela valorização do desenvolvimento de pontos de vista alternativos, da liberdade de escolha e de respeito à individualidade enquanto manifestação da diversidade humana.

Quando Feyerabend privilegia Mill, ao invés de Popper, a constatação da falibilidade do conhecimento (científico) é ampliada para a questão da falibilidade humana de uma forma geral, a qual assume uma dimensão mais abrangente como argumento contra qualquer forma de certeza absoluta.

Recusar-se a ouvir uma opinião por ter certeza que ela é falsa é assumir a sua certeza de forma absoluta. Todo silenciamento de discussão é uma assunção de infalibilidade.

(Mill, 1961: p. 77, minha tradução)

Se toda a humanidade a menos de uma pessoa tivesse uma mesma opinião, a humanidade não estaria mais justificada em silenciar este único homem do que ele, caso tivesse esse poder, de silenciar toda a humanidade. [...]. A crueldade peculiar de silenciar a expressão de uma opinião é a de que ela subtrai da raça humana, da posteridade e da geração atual – daqueles que discordam da opinião suprimida *mais do que* daqueles que a defendem.

(Mill, 1961: p.76, tradução e *grifos* meus)

Para fins de nossa exposição - que pretende identificar ligações entre a primeira e a segunda fases do pensamento de Feyerabend - ressaltamos que toda a argumentação feyerabendiana contrária à hegemonia de uma teoria, idéia ou posição, bem como o seu apelo a uma fundamentação humanista para a epistemologia já estavam presentes em sua primeira fase, apoiados em idéias racionalistas críticas e regras falsificacionistas.

Na segunda fase, Feyerabend dá continuidade à negação de quaisquer ideais hegemônicos bem como à inspiração humanista em suas teses, enfatizando a presença e influência desses dois eixos norteadores (diversidade e humanismo) na sua epistemologia anarquista, como veremos no Capítulo 3 a seguir.